

GUERRA DE GUERRILLA: da experiência cubana a experiência da guerra suja na América Latina (1960-1990).

Bruno Ribeiro Oliveira (Graduado em História pela UFRGS)

E-mail: bruno.grinder@gmail.com

Guilherme Nicolini Pires Masi (Graduado em História pela UFRGS)

E-mail: guilhermenpm@gmail.com

RESUMO

Este trabalho busca traçar a influência da Revolução Cubana e dos escritos militares do revolucionário Ernesto “Che” Guevara para a história militar do continente americano. Buscamos compreender a amplitude e o alcance de sua influência, em especial a do seu livro Guerra de Guerrilha, e de como este se propõe a ser um manual de fomento a guerra de guerrilha. O artigo visa demonstrar impacto da Revolução Cubana para as forças insurgentes e guerrilheiras que buscaram meios armados de tomada de poder, bem como a reação militar dos governos latino-americanos contra possíveis revoluções. Sendo para isso importante compreendermos alguns conceitos definidores de guerra de guerrilha, como esta se organiza, quais seus objetivos principais, como ela atua na cegueira dos estados e quais suas principais formas de combater. Por meio da produção intelectual de Guevara e da produção contra insurgente governamental traçamos, ainda, uma linha de pensamento ampla de história militar da América Latina.

Palavras-chave: Guerrilha, Guerra irregular, Contra insurgência, Revolução Cubana, Che Guevara.

ABSTRACT

This paper intends to trace the influence of the Cuban Revolution and the military writings of Ernesto “Che” Guevara for the military history of the American continent. We search to comprehend the extent and the reach of its influence, in special of his book Guerra de Guerrilla, and how it intends to be a warmonger manual of guerrilla warfare. This article investigates the impact of the Cuban Revolution for the insurgents and guerrilla forces that sought to overthrow governmental powers through armed actions, as well as the military reaction of the Latin American governments against possible revolutions. For this it is important to us to comprehend some defining concepts of guerrilla warfare, how it organizes itself, what are its main objectives, how it acts in the shadows and what are its major tactics and strategies for combat. Through the intellectual production of Guevara and the governmental counterinsurgency we trace a broad line of thinking of the military history of Latin America.

Keywords: Guerrilla, Irregular Warfare, Counterinsurgency, Cuban Revolution, Che Guevara.

INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana (1953-1959) derrubou um governo pró-Estados Unidos, substituindo-o por um regime político, econômico e ideológico dessemelhante ao perpetrado pela geopolítica estadunidense. A Revolução estabeleceu um governo que serviu de exemplo à uma possibilidade alternativa fora da esfera de desenvolvimento socioeconômico dos Estados Unidos. Foi o início de uma nova fase na área militar da América Latina porque mostrou que grupos guerrilheiros podiam suceder contra governos aparentemente bem estruturados.

A guerra que derrubou Fulgência Batista inspirou grupos nas diversas regiões do continente americano. A guerra de guerrilha e ideias normalmente associadas com o pensamento político de esquerda encontrava um meio de conquistar o poder para transformação de seus respectivos países. A Revolução Cubana foi a primeira de sucesso no continente e, de suas experiências, o líder político e militar Ernesto “Che” Guevara produziu um manual de guerrilhas, denominado *Guerra de Guerrilla*¹, para todos aqueles que visavam o enfrentamento armada como opção. Este é, sobretudo, um manual focado nas minúcias táticas e as tarefas do dia-a-dia da liderança de um grupo de guerrilheiros. Com exemplos desde como configurar emboscadas, a construção de posições de combate, manutenção da ordem e disciplina, até a administração das zonas libertadas.

Os anos pós 1960 seriam palco de intensa rivalidade na América Latina entre grupos guerrilheiros normalmente associados com o pensamento político de esquerda, dispostos a inverter a ordem dos países em que atuavam, e forças legalistas governamentais e paramilitares (e, em alguns casos, financiadas e treinadas pelos Estados Unidos), para que mantivessem em segurança a ordem socioeconômica vigente e os interesses estadunidenses na região. Deixamos claro que a guerra de guerrilha não é uma criação, muito menos uma exclusividade da Revolução Cubana. Inúmeras vezes os movimentos populares (ou mesmo Forças regulares) adotaram esta tática de combate ao longo da história, sendo possível lembrarmos da exitosa Revolução Mexicana, de Zapata e Pancho Villa; das guerrilhas promovidas por povos beduínos contra o Império Turco Otomano; dos alemães na África Oriental, frente aos exércitos britânicos; das anarquistas e comunistas durante a Guerra

¹ GUEVARA, Che. A guerra de guerrilhas. vol. 3. São Paulo: Edições Populares, 1982. (2ª ed.).

Civil espanhola; e também dos Partisan, contra as forças de ocupação Nazi-Facistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, a Revolução Cubana é, em muitos aspectos, pioneira. Especialmente por ter sido bem sucedida num continente que se encontrava sob a hegemonia estadunidense.

GUERRILHAS

É óbvio que um fenômeno tão complexo como a Guerra não pode ser fixada em uma lista de “princípios de guerra” enumerados em parágrafos laconicamente formulados por seus estudiosos. Existe o grave perigo de elevar tais princípios ao nível de dogmas inflexíveis. Em fenômenos como as guerras, onde a ação para a vitória é exigida de soldados que têm pouco tempo para contemplar as sutilezas infinitas dos conflitos humanos, os princípios de guerra podem ser uma ferramenta intelectual valiosa. Estes princípios podem fornecer o que o coronel Charles A. Hines descreve como “planejamento militar”². Isto é, um quadro analítico para reduzir os princípios gerais e postulados teóricos a situações pragmáticas e operacionais. Determinar o que esses princípios são e como eles se aplicam a guerra real tem sido objeto de teoria militar durante séculos, e eles mudaram ao longo do tempo, assim como a própria guerra. No entanto, um princípio em particular, pode ser considerado a chave mestra sobre qual a guerra é realizada: princípio de destruição.

Embora não seja o objeto principal de nosso trabalho, definir o princípio da destruição se faz necessário para melhor compreendermos a guerrilha em seu campo político e militar. Demonstrado em sua forma mais simples por Carl Von Clausewitz em seu livro “Da Guerra”, o princípio da destruição sustenta que a maneira mais eficaz de impor sua vontade sobre o inimigo e para atingir os objetivos políticos da guerra é desarmá-lo, destruindo suas forças militares, deixando-o indefeso e incapaz de resistir. Intuitivamente entendido por estrategistas e líderes militares ao longo da história, a lógica por trás do princípio é tão banal que alguns autores não se preocuparam em elaborar sobre ela. Impor a vontade sobre o inimigo requer que ele seja incapaz de resistir, o que requer que ele seja desarmado. Desarmar implica a destruição de suas forças militares. Uma vez

² HARRY, G. Summers, *On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War* (New York, NY: Presidio Press, 1982). p. 91

que o inimigo foi desarmado ele não tem nenhum recurso mais para implorar por termos e pedir o fim das hostilidades, ele está sujeito aos caprichos e a misericórdia do vencedor.

Historiadores têm pesquisado a existência, as estratégias e as táticas de guerra de guerrilha desde a antiguidade. Neste estudo focar-nos-emos no período posterior aos anos 1960, mas motivados pela necessidade de se pensar a “guerra de guerrilha” buscamos autores que trataram do assunto para melhor esclarecermos o que é esse tipo de guerra.

As guerras de guerrilhas no século XX têm como características ações furtivas de enfrentamento oportuno, de alta mobilidade e desprendimento territorial. Com forças que operam em pequenas unidades de infantaria, levemente armadas, contra governos impopulares e buscando apoio logístico, político, econômico e ideológico em massas insatisfeitas. O caso que discutimos neste artigo é a guerra travada pelo Movimento 26 de Julho que lutou com o apoio majoritário do povo cubano. Os guerrilheiros cubanos souberam escolher um terreno favorável, travaram batalhas oportunas e conseguiram escolher os locais em que combateriam. Aos poucos foram minando e dilacerando as bases do governo Batista e seu exército, que não conseguiu enfrentar o modo de guerra do Movimento 26 de Julho. Como expressou Guevara sobre sua experiência: “No início, há um grupo mais ou menos armado, mais ou menos homogêneo, que se dedica quase exclusivamente a esconder-se nos lugares mais agrestes, mantendo raros contatos com os camponeses”³.

A guerrilha é um modo de promover guerra que se caracteriza pelo número inferior de combatentes, se comparados com um exército regular. Caso este o da guerrilha de Fidel e Guevara que se embrenham em Sierra Maestra com menos de duas dezenas de guerrilheiros inicialmente. O regime de Fulgencio Batista tinha mais armas e mais soldados. Logo, restava a guerra de guerrilhas, que nas palavras de Guevara “é usada pelo lado que tem o apoio da maioria, mas possui um número muito menor de armas para usar em defesa contra a opressão”⁴. Tendo em vista sua desvantagem para uma luta convencional, faziam-se necessárias outras opções estratégias e táticas. Onde muitos autores enxergam fraqueza – a falta de armas e o pequeno número de combatentes – outros veem sua força. Como anteriormente observamos a guerrilha é ligeira e precisa, mas,

³ GUEVARA, 1982, p. 66

⁴ DOSAL, P. J. Comandante Che: guerrilheiro, líder e estrategista, 1956 -1967. Tradução: Maffes, M. Editora Globo. São Paulo, SP, 2005. p. 221.

sobretudo, oportunista. Para o autor Robert Taber “a guerrilha encontra sua força na liberdade com que se dispõe nos territórios, igualmente em sua mobilidade. Sendo ainda, impreterível a relação com as comunidades desconectas”⁵. Este autor faz uma interessante comparação da guerrilha e a atuação de pulgas ao infestarem um cão. Ou seja, a guerrilha luta como a pulga, numa guerra onde o seu inimigo sofreria das mesmas desvantagens que o cão: um extenso território “para defender, inimigos ubíquos, muito pequenos e ágeis para serem pegos”⁶.

Se pensado de maneira convencional a luta de guerrilha parece fraca. Desta forma, a guerrilha, busca ser uma alternativa a este modo regular de se guerrear. A guerrilha é forte por não possuir a vantagem mais característica das forças militares ortodoxas: um território fixo. O ataque seguido de fuga é sua principal tática, sendo imperativo para a existência da própria guerrilha. O terreno, que deve favorecer as ações e mobilidade da guerrilha e dificultar a capacidade de perseguição do inimigo, podem ser os mais variados, sendo recorrente ver guerrilhas ocuparem e se estabelecerem em áreas de floresta, montanha, pântano ou mesmo em áreas urbanas⁷. A sua eficiência está ligada ao nível de adaptação ao terreno em que atua. A guerrilha praticada em Cuba é semelhante, em alguns aspectos, a outros movimentos guerrilheiros que embasaram sua luta em áreas rurais ou de pouca densidade urbana. Como Mao na China, Lettow Vorbeck na África Oriental e T.E. Lawrence no Oriente Médio. Ou seja, os mais diversos casos de guerrilha propunham-se a ocupar uma base territorial inóspita. Tanto os guerrilheiros cubanos, como em outros casos ao redor do mundo, nos princípios de mobilidade, surpresa, autodisciplina, comando e liderança e o não enfrentamento. Em outras palavras, a guerrilha escolhe quando, onde e como lutar. A guerra de guerrilha é uma guerra maleável. Os guerrilheiros devem moldar-se as situações e tirar o melhor proveito delas. Mao Tsé-Tung, que sucedeu em tomar toda a China a partir de uma guerra de guerrilha resumiu em uma frase as vantagens e maleabilidades de uma luta não convencional: “O inimigo avança, nós recuamos; o inimigo

⁵ TABER, R. War of the Flea. Ed. Brassey's. Washington D.C. 1965, p. 24.

⁶ TABER, R. 1965, p. 24.

⁷ Um interessante ponto que achamos necessário destacar é o caso do guerrilheiro urbano, Carlos Marighella. Marighella, embasado por ideais revolucionários ligados ao pensamento de uma esquerda comunista, produziu um manual de guerrilha nos moldes de Guevara, mas adaptado a realidades urbanas brasileiras. Devemos destacar que apesar de suas operações em grandes cidades, Marighella acreditava que a guerrilha urbana era um preparativo para a guerrilha rural. A experiência cubana foi uma inspiração para Marighella, mas o seu manual, como o de Guevara, deriva de suas próprias experiências. Ver: MAGALHÃES, M. Marighella, o Guerrilheiro que Incendiou o Mundo. Companhia das Letras, São Paulo, SP. 2012. p. 503.)

acampa, nós o fustigamos; o inimigo cansa, nós o provocamos; O inimigo se retira, nós o perseguimos!”⁸. A guerrilha também promove furtos – ou desapropriações – na busca pelos mais diversos recursos necessários para o seu fortalecimento, sendo frequentes nas guerrilhas iniciantes ou urbanas da América Latina pós-1960, ações contra alvos chave como gabinete de políticos, embaixadores ou centros financeiros.

Pensar nestes fatores nos leva a considerarmos o armamento utilizado pelos grupos guerrilheiros, ou seja, armamentos que facilitem o oportunismo, a mobilidade e a velocidade das ações. Sendo comuns práticas de assaltos com armas de corte, pistolas e fuzis, e ainda, ações de sabotagem a posições estratégicas do inimigo, com uso de explosivos ou provocando incêndios. Desta forma é pouco convencional que guerrilhas iniciantes utilizem armamentos de maior calibre. Enquanto o soldado regular está disposto e restrito à uma hierarquia determinada e profissionalmente adestrado em uma doutrina militar, o exército guerrilheiro estabelece-se numa organização muito mais prática e menos burocrática. Dentro de limites impostos pela própria guerrilha, o guerrilheiro identifica suas necessidades, estabelece e assume funções, muitas vezes de maneira espontânea.

Outro fator importante para o movimento guerrilheiro como de Guevara é o apoio não necessariamente militar da população civil. Na guerra de guerrilha, controlar mentes é mais importante do que controlar territórios, é um pré-requisito para os ganhos mais tangíveis. Os guerrilheiros do Movimento 26 de Julho souberam operar o apoio das massas no campo e na cidade num movimento em comum que visava derrubar Batista. Segundo Guevara:

“É importante destacar que a luta guerrilheira é uma luta de massas, é uma luta popular; a guerrilha como núcleo armado, é a vanguarda combatente do mesmo, sua grande força reside na massa da população.”⁹

A guerrilha conta com o apoio do povo, mas não necessariamente com o povo em armas. A resistência de um povo se dá muitas vezes sem o uso da força, mas auxiliando a logística dos guerrilheiros. Podemos pensar, como exemplo, a rede de informações que se estabeleceu em Sierra Maestra, onde nos mais agrestes lugarejos viviam os camponeses atentos aos movimentos das tropas do governo e oportunamente relatavam aos guerrilheiros

⁸ “*The enemy advances, we retreat; the enemy camp, we harass; the enemy tires, we attack; the enemy retreat, we pursue*”. (Mao Tse-Tung, 1965.)

⁹ GUEVARA, 1982, p.15.

sua localização, qual a sua rota, quantos eram e qual seu poder de mobilidade e fogo. Vemos o povo assumindo ações fundamentais para qualquer exército, o reconhecimento, a comunicação, a inteligência.

Sem o apoio de não combatentes alinhados com Fidel e Che, a guerrilha estaria fadada ao fracasso. Os guerrilheiros buscam um objetivo político a ser alcançado no intuito de transformar aquela sociedade em que combatem. Desta forma buscam apoio nas massas, fazem propaganda e minam a autoridade que visam derrubar. Tanto na guerrilha como na contra insurgência o apoio popular acaba sendo deveras definidor, tendo em vista que o próprio Guevara sucumbe em território boliviano ao não arregimentar forças populares para sua causa. A guerrilha e os contra insurgentes vão lutar para conseguir esse apoio. A luta ideológica pelo suporte das camadas gerais da sociedade, além do enfrentamento militar, torna-se parte do embate.

A ideologia do guerrilheiro não é uma ideologia pronta, tirada de livros marxistas, socialistas, comunistas, etc. Sua ideologia parte de um reconhecimento com uma causa do povo, é a luta pelos menos favorecidos contra aqueles que oprimem o povo. Podemos dizer que esta ideologia é uma espécie de resultado da forma de pensar daquelas gentes com as quais o guerrilheiro conviveu (mesmo antes de aderir a luta armada).

“o guerrilheiro é um reformador social que empunha as armas respondendo ao protesto irado do povo contar seus opressores e que luta para mudar o regime social que mantém todos seus irmãos desarmados na ignonímia e na miséria”¹⁰

A linguagem do guerrilheiro é a linguagem do povo, aquela que o povo se identifica, pois o guerrilheiro é, ou deve parecer, o povo. A linguagem popular é utilizada de modo a arregimentar a população a causa pela qual luta o guerrilheiro. A sinceridade e a sensibilidade estão na fala do guerrilheiro que estabelece um diálogo com o povo através da informalidade de sua língua materna, possibilitando um diálogo direto e pragmático. Sem dúvida nenhuma o intelectual Guevara conhecia através dos livros outras experiências revolucionárias, sabia a abstração teórica do que propunha na prática. Mas para o povo esses instrumentos teóricos não serviam, porque o povo deveria começar sua formação

¹⁰ GUEVARA, 1982, p.16.

ideológica de um degrau muito mais abaixo antes de se entender as teorias das massas. Para Guevara:

“trabalho popular intensivo, explicando os motivos da revolução, os fins desta mesma revolução, disseminando a verdade incontestável de que não se pode vencer o povo de maneira definitiva”¹¹ .

Além disso, a população que adere ao movimento, o faz por uma questão de identificação pessoal com a causa e como uma forma de enfrentamento aos que o oprimem. Daí é importante pensarmos que os que aderem ao movimento tem algo pessoal pelo que lutar, mesmo sem nenhuma formação política propriamente dita. De antemão, os apoiadores civis compartilham as inquietudes do guerrilheiro, por isso se organizam em prol de estabelecer núcleos de apoio aos que pegaram em armas.

Em sua obra, Guevara ressaltou a importância do campo e a busca de apoio dos camponeses como o centro da atividade revolucionária, relegando operações urbanas para um papel secundário, devido ao risco extremo representado pelas forças de segurança nas cidades. A sua conjuntura foi correta do ponto de vista estritamente militar, não observando as dimensões políticas de suas ações. De fato, as organizações subversivas baseadas nas cidades eram um fator importante na queda de Batista e, como esperado, elas sofreram perdas muito maiores do que os guerrilheiros rurais. O sucesso apreciado pela estratégia rural de Guevara não teria sido possível se ele baseasse seu movimento em qualquer lugar que não em Sierra Maestra. Segundo Guevara:

“O guerrilheiro é antes de tudo um revolucionário agrário. Interpretam os desejos da grande massa camponesa de ser dona da terra, dona de seus meios de produção e de seus animais, de tudo aquilo que desejou durante anos (...)”¹² .

A guerra de guerrilha opera no campo militar de modo irregular e nos campos sociais, econômicos e políticos que, mesmo fora da esfera militar, fazem parte da guerra. Vejamos agora a particularidade da Movimento 26 de Julho e do pensamento militar de Guevara.

¹¹ GUEVARA, 1982, p.20.

¹² GUEVARA, 1982, p.16

A GUERRA DE GUERRILHA DE GUEVARA

Guevara pensou, praticou e ensinou guerrilha a toda uma geração de latino-americanos. O que incentivou a formação de movimentos guerrilheiros por todo o continente. “Sem a menor dúvida, Che influenciou a história da América Latina e dos Estados Unidos”¹³, afirma o historiador Dosal . Ele ainda é reconhecido por ter sido pensador político, econômico e revolucionário, porém é menos conhecido por seu pensamento militar. Suas experiências desde o golpe de estado guatemalteco, em 1954, passando por seu treinamento no México ao lado de Fidel Castro, até a formação da guerrilha em Sierra Maestra e a marcha sobre Havana, formaram as experiências e o conhecimento militar que Guevara sintetizou em *Guerra de Guerrillas*, lançado em 1960¹⁴.

Num primeiro momento da formação do seu pensamento militar, Guevara tirou três lições do que viu na Guatemala: pensou na necessidade de criar um novo exército e no objetivo de destruir o antigo para substituí-lo; segundo, os líderes revolucionários devem dar ao povo os meios para defender sua revolução; terceiro, a luta contra uma contrarrevolução patrocinada pelos Estados Unidos é inevitável¹⁵. Seu treinamento de guerrilheiro seria aprendido no México. Alberto Bayo, veterano da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e entusiasta da guerra de guerrilhas, foi o mentor e o homem que treinou os guerrilheiros que desembarcaram em Cuba em 1956. Guevara aprendeu com Bayo conceitos básicos proferidos por ele:

“Não deviam combater o inimigo face a face.” E: “[...] atacar apenas quando estivessem em clara vantagem, e mesmo assim deviam atacar e fugir, sempre desaparecendo nas montanhas e florestas quando confrontados pelos inimigos”¹⁶.

Alberto Bayo idealizava uma guerra de guerrilha em três fases. A primeira fase seria composta por um grupo guerrilheiro protegido por alguma condição geográfica favorável. Seus ataques seriam contra inimigos vulneráveis numa ação de ataque e fuga. Uma vez que

¹³ DOSAL, P. J. *Comandante Che: guerrilheiro, líder e estrategista, 1956 -1967*. Tradução: Maffes, M. Editora Globo. São Paulo, SP, 2005., p. 377.

¹⁴ DOSAL, 2005, p. 37.

¹⁵ DOSAL, 2005, p. 67.

¹⁶ DOSAL, 2005, p.85.

estivessem bem estabelecidos defensivamente, os guerrilheiros poderiam passar a atacar em outras áreas e enfrentar unidades maiores. Mas deveriam manter sua estratégia de ataque seguido de fuga. Para a terceira e final fase, seria necessário obter o controle de rotas de transporte e cidades menores, só então os insurgentes lançariam guerra às grandes cidades e a total destruição do regime em foco.¹⁷

Em seu livro, *Guerra de Guerrillas*, Che, seguindo o exemplo de Bayo, pensa em fases para uma guerra de guerrilhas. A tarefa essencial do guerrilheiro é manter-se vivo, evitando ter suas forças dizimadas pelo inimigo. Um pequeno bando localizado num terreno remoto deve travar combates esporádicos em lugares e momentos escolhidos por eles. Assim que conseguirem assumir posições de difícil acesso ao inimigo, devem estabelecer uma rede de comunicação e eficiente administração sobre a área de influencia para dar suporte à guerrilha. Conforme a força guerrilheira fosse aumentando bem como seu poder e sua área de atuação, mais ela teria condições de combater em pé de igualdade um exército convencional. Por último, os guerrilheiros fortaleceriam-se o suficiente para formar novas colunas e implantá-las em diferentes áreas para estabelecer novos focos revolucionários. A terceira e última fase começa quando os guerrilheiros tornam-se capazes de travar uma guerra regular, invadindo cidades importantes e utilizando métodos convencionais de guerra. Isso mostra como a guerrilha cubana operou a destruição e substituição das forças regulares da Cuba pré-Castrista. O inimigo é derrotado quando uma série de vitórias parciais se transforma em vitórias definitivas. Ele então é aniquilado e obrigado a render-se¹⁸.

A concepção guerrilheira de Guevara baseava-se em constituir algo que ele denominava Foco, ou foco guerrilheiro. A teoria do foco foi uma importante contribuição de Guevara ao pensamento teórico da guerra de guerrilha. Segundo essa teoria um pequeno grupo bem dirigido, ligado ao povo, poderia servir como o catalisador de um movimento político de massas¹⁹. Guevara preocupa-se em como organizar e conseguir a desestabilização e derrota do governo. Seu livro é um manual para guerrilheiros, não um subsídio para intelectuais. A contribuição original de Guevara com a teoria da guerra

¹⁷ DOSAL, 2005, p. 88-89.

¹⁸ GUEVARA, 1982, p. 90.

¹⁹ DOSAL, 2005, pp. 239-240.

irregular, o conceito de Foco, acabou sendo limitada, pois como dissemos, o próprio Guevara morreria tentando aplicar essa estratégia na Bolívia.

Consideramos que a Revolução de Cuba contribuiu com três lições para os movimentos revolucionários na América Latina:

“1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.

2) Nem sempre há que se esperar que se dêem todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las.

3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo”²⁰.

Esses três fundamentos acabaram sendo deveras importante no pensamento revolucionário latino americano que se seguiu a Revolução Cubana. O modo como foi recebido ou interpretado no seio dos diversos grupos insurgentes do continente pode variar de acordo com o próprio posicionamento e condição político-geográfica das mais diversas interpretações da realidade. Não vem a ser o centro da análise desse artigo a forma com que atuaram os diversos grupos guerrilheiros que surgiram na América Latina após a Revolução Cubana, nem como praticaram suas ações. Mas é imperativo destacarmos a extensa, catalisadora e apologética influência desta revolução, de Guevara e do livro *Guerra de Guerrillas* para a história militar da América Latina.

INFLUENCIA DA MATRIZ CUBANA NO CONTINENTE AMERICANO

A vitória dos revolucionários em 1959 e o lançamento do livro que ensinava montar um grupo insurgente e iniciar uma derrubada de regime alarmou os governos do continente Americano. Podemos destacar que, nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 proliferaram movimentos guerrilheiros nas mais diversas áreas do continente. Entre eles: Montoneros (1970-1979) e Ejército Revolucionario del Pueblo (1970-1976) na Argentina; Tupamaros (1962-1972) no Uruguai; Exército de Libertação Nacional da Bolívia (1966-1967), Forças Armadas de Libertação Zarate Willka (1985-1991) e Exército Guerrilheiro Túpac Katari (1991-1992) na Bolívia; Frente Patriótica Manuel Rodríguez (1983-1999) e Movimento de Esquerda Revolucionário (1965-1990) no Chile; Sendero Luminoso (1980-presente) no

²⁰ GUEVARA, 1982, p. 13.

Peru; Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (1964-presente), Exército Popular de Libertação (1967-1991) e Exército de Libertação Nacional (1964-presente) na Colômbia; Frente de Libertação Nacional Farabundo Martí (1980-1992) em El Salvador; Frente de Libertação Nacional Sandinista (1961-1979) em Nicarágua; Unidade Nacional Revolucionária Guatemalteca (1982-1998) na Guatemala; Exército Zapatista de Libertação Nacional (1994-presente) no México; Exército de Libertação Negro (1970-1982) nos Estados Unidos da América.

No caso brasileiro temos os seguintes grupos que praticaram alguma forma de guerrilha influenciada em diferentes níveis por matrizes cubanas: Ação Libertadora Nacional; Guerrilha do Araguaia; Comando de Libertação Nacional; Organização Revolucionária Marxista Política Operária; Dissidência Comunista da Guanabara; Marx, Mao, Marighella e Guevara (M3G); Movimento de Libertação Popular; Movimento Revolucionário Marxista; Movimento Revolucionário Oito de Outubro; Vanguarda Popular Revolucionária; Vanguarda Armada Revolucionária Palmares; entre outros.

Fica evidente a enorme influencia, em maior ou menor grau, que a Revolução Cubana, Ernesto “Che” Guevara e *Guerra de Guerrillas* têm para o pensamento das esquerdas que optaram pela luta armada no continente americano. Não nos cabe aqui medir os usos deste manual nos mais diversos teatros de operações do continente, mas o impacto que este teve, e ainda têm em importância simbólica e concreta na história militar da América.

Politicamente, Guevara via no imperialismo estadunidense a fonte do subdesenvolvimento latino-americano, assim como os diversos grupos de esquerda que se levantaram em armas a partir da década de 1960. Guevara acreditava que grupos guerrilheiros teriam que enfrentar, direta ou indiretamente, os Estados Unidos da América, ou por forças apoiadas, doutrinadas e adestradas em escolas de contra insurgência estadunidenses. O pensamento de Guevara se mostraria correto quanto ao envolvimento daquele país que não mais estava disposto a tolerar regimes contrários a sua política externa. Para Robert Taber, os Estados Unidos devido ao seu modo de produção econômico é obrigado a intervir no continente sul americano. Por ocupar uma posição de líder do mundo livre capitalista, detentor do maior poder militar, financeiro, industrial e bancário (sendo naturalmente aliado de grandes banqueiros e investidores), os Estados Unidos, gostando ou não, obrigavam-se a adotar posturas contrarrevolucionárias. E, por adotar uma

política contrária a mudanças radicais e que favorecem o *status quo*, torna-se anti-popular onde quer que existam movimentos sociais que ameacem seus investimentos²¹.

DA AÇÃO CONTRARREVOLUCIONÁRIA

Até então vimos como o manual de Guevara influenciou as esquerdas americanas, mas devemos ter em mente que *Guerra de Guerrillas* levou a uma mudança nos modos de ação dos governos do continente americano. A década de 60 vê muitas ditaduras civil-militares sendo instalados nos países latino-americanos. São governos pró-estadunidenses que se alinham com o sistema econômico e social daquele país. O sonho de uma mudança estrutural na sociedade por parte da esquerda latino americana fará com que alguma parcela dela haja por meio da luta armada²².

Os governos ditatoriais de Segurança Nacional foram estabelecidos de acordo com a pressão exercida pelo capital internacional e pelas elites locais para a imposição de um novo modelo de acumulação²³. A defesa dos interesses estadunidenses levou-os a atuar em terreno internacional. Sua luta era impedir novas *Cubas* pelo continente americano. A própria instalação de regimes não democráticos de características conservadoras e liberais com a exclusão política de seus cidadãos já é uma medida contra insurgente. Impedia que pensamentos contrários às vontades estadunidenses e de elites locais se propagassem de maneira legítima. Isso empurrará muitas esquerdas à luta armada, seja pela pressão financeira internacional ou influência de matrizes cubanas. Uma vez estabelecido o controle sobre o país, as elites dirigentes precisavam impor-se, legitimar-se e impedir focos guerrilheiros. Um destes modos foi o terror de estado que seguia as orientações da Doutrina Nacional de Segurança na forma da guerra de contra insurgência²⁴. O inimigo interno precisava ser desmantelado antes que crescesse em importância. Os Estados Unidos

²¹ TABER, p.121, 1965.

²² Queremos deixar claro que o pensamento político de esquerda não necessariamente está ligado inexoravelmente à ideia de luta armada, mas sim que muitos grupos de ideologia marxista, socialista ou qualquer outra identificada com o pensamento de esquerda ao verem que os caminhos legais dentro de um estado não iriam funcionar, decidem partir para a luta armada no período posterior aos anos 1960.

²³ PADRÓS, E. S. A ditadura cívico-militar no Uruguai (1973-1984): terror de Estado e Segurança Nacional. In: WASSERMAN, C.; GUAZZELLI, C. (orgs.). *Ditaduras militares na América Latina*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, p. 45.

²⁴ PADRÓS, 2004, p.49.

forneciam treinamento militar para combate e interrogatório, manipulação de informações, propaganda, boicote econômico e abastecimento de armas.

Países como Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, atuaram militarmente e simbolicamente contra as esquerdas armadas e possíveis focos guerrilheiros, utilizando-se de métodos estadunidenses, franceses, britânicos e próprios. Sendo mais recorrente na historiografia sobre o tema, a escola contra insurgente dos Estados Unidos. Auxílio material, teórico e prático era fornecido pelos estadunidenses, mas a execução das tarefas contra insurgentes ficavam a cabo dos países clientes. Em outros casos intervenções contra insurgentes estadunidenses foram diretas.

Nos anos pós-Revolução Cubana é constante a preocupação da política externa estadunidense com as possibilidades políticas da América Latina. Impedir novas *Cubas*, impedir interesses contrários, impedir a ascensão de governos de esquerda ou identificados com a esquerda e evitar o alastramento do comunismo. Um dos campos contemplados por investimentos advindos dessa preocupação são os estudos das guerras de guerrilhas, a insurgência ou guerra revolucionária em forma de guerrilha. Esses tipos de ações político-militares são minuciosamente examinados junto de suas possíveis potencialidades em manuais de contra insurgência, emitidos pelo governo dos Estados Unidos.

Os manuais de combate às guerras de guerrilha não são novidade no exército americano, mas ganharam um impulso depois da Revolução Cubana. Como destruir um inimigo que não combate de maneira convencional pode ser achado em inúmeras publicações do Departamento do Exército dos Estados Unidos (DEEU). Nota-se que ainda existe a preocupação em se manter atualizado para os assuntos de guerra irregular uma vez que os Estados Unidos ainda enfrentam esse tipo de combate em regiões como Iraque e Afeganistão, e podem vir a enfrentar em outros lugares.

Redigidos pelo Departamento do Exército dos Estados Unidos temos: *Operations Against Irregular Forces*, de maio de 1961; *Counter guerrilla Operations*, de maio de 1970; *Counterinsurgency Operations*, de outubro de 2004; *Counterinsurgency*, dezembro de 2006; *Army Special Operations Forces Unconventional Warfare*, de setembro de 2008; *Tactics in Counterinsurgency*, de abril de 2009. A Agência Central de Inteligência emitiu, em outubro 1984, *Psychological Operations in Guerrilla Warfare*. A Escola das Américas utilizava manuais que foram produzidos a partir de manuais da Agência Central de Inteligência:

Guerra Revolucionaria, Guerrillera y Ideologia Comunista, de 1989; Contra-Inteligencia, de 1989; Terrorismo y Guerrilla Urbana, de 1989;

Manuais de guerra de contra insurgência foram redigidos tanto pelo governo estadunidense quanto por intelectuais e militares interessados. O autor David Galula enumera alguns pontos que são frequentes nestes manuais:

“Concentre forças armadas suficientes para destruir ou para expulsar o corpo principal dos insurgentes armados; Despache para a área tropas suficientes para se oporem ao retorno do insurgente com força, instale essas tropas em aldeias, vilarejos e cidades onde a população vive; Estabeleça contato com a população, controle seus movimentos de modo a cortar as ligações com as guerrilhas; Destrua as organizações políticas dos insurgentes locais; Estabeleça, por meio de eleições, novas autoridades locais; Teste essas autoridades ao ordená-las várias tarefas concretas. Substitua os fracos e incompetentes, dê total apoio para os líderes ativos. Organize unidades de auto-defesa; Agrupe e eduque os líderes num movimento político nacional; Vença ou suprima os últimos insurgentes remanescentes;²⁵

Fica claro que os manuais contrarrevolucionários lidam com organização, preparação, planejamento, logística, treinamento, preparação ideológica, inteligência, comunicação, propaganda e modo de combate dos insurgentes e contra insurgentes. Podem ser vistos como livros que tratam do lado contrário ao que propõem Che Guevara em *Guerra de Guerrillas*, Mao Tsé-Tung em *On Guerrilla Warfare* e Marighella em *Manual do Guerrilheiro Urbano*. A contra insurgência instrumenta-se na perseguição e repressão de grupos insurgentes. Os governos obrigam-se a aumentar seus custos com a manutenção de um forte aparato militar sempre presente para impedir o avanço guerrilheiro. Buscam o confronto e vitória sobre as organizações guerrilheiras. Captura e tortura de pertencentes ao grupo para descobrir informações e desestabilizar a guerrilha. Desmantelar e colocar na ilegalidade movimentos sociais e perseguições a movimentos populares. Além de por em prática um efetivo sistema repressivo, onde todos podiam ser vítimas do estado a qualquer momento, conseguiram reprimir a sociedade e as alas descontentes²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁵ GALULA, D. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. Praeger Security International. 1964., p. 55-56.

²⁶ PADRÓS, E. S.; MARÇAL, F. A. Terror de Estado e Doutrina de Segurança Nacional: os “anos de chumbo” no Brasil e na América Latina. *Revista Ciências e Letras*, n. 28, jul.-dez. 2000., p. 72.

“Desde que a guerra não é um ato de paixão sem sentido, mas é controlado pelo seu objeto político, o valor deste objeto deve determinar o sacrifício a ser feito por ele em magnitude e também na duração. Uma vez que o dispêndio de esforço excede o valor do objeto político, o objeto deve ser renunciado e paz deve seguir”²⁷.

A guerra é um instrumento político utilizado na busca de um objeto político. No entanto, cada beligerante não necessariamente atribui um valor igual ao objeto político orientador da guerra. Quando eles são diferentes, existe uma assimetria de interesses em que um lado tem uma participação maior no conflito e, portanto, uma vontade maior para continuar lutando. Se esse lado pode sobreviver o tempo suficiente para continuar a guerra para além da duração e intensidade aceitável para o inimigo, pode obrigar o inimigo a sair do conflito.

Há um consenso entre os teóricos estudados de que o princípio da destruição permanece válido na guerra irregular. A guerrilha tem o potencial de enfraquecer seriamente o inimigo, desgastando-o através de muitos pequenos golpes, mas é incapaz de destruí-lo fisicamente. Como resultado, a guerrilha é um passo no esforço de guerra maior, uma estratégia temporária de sobrevivência que permite aos guerrilheiros a construção progressiva de suas forças até que estas sejam capazes de travar uma guerra regular contra o inimigo e alcançar seu objetivo.

A guerra de guerrilha é, claramente, uma fase que não finda em si mesma a oportunidade de alcançar uma vitória completa, mas é uma das fases iniciais de uma guerra e vai desenvolver continuamente até que, através de um crescimento constante, o exército guerrilheiro adquira as características de um exército regular. Neste momento, ele estará pronto para infligir aos inimigos golpes definitivos para conseguir a vitória. O triunfo será sempre alcançado por um exército regular, embora suas origens esteja em um exército de guerrilha.

Guevara reúne suas experiências pessoais numa única doutrina de guerra de guerrilha com repercussões enormes para a história do continente americano. Guevara não era estúpido nem inexperiente na guerra de guerrilha, seus escritos não eram os de um

²⁷ CLAUSEWITZ, C. V. Da Guerra, 2013, p.92. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/144769203/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz>> Acesso em: 1 dez. 2013.

amador. Assim, *Guerra de Guerrilla* é uma afirmação importante sobre o melhor caminho para a vitória e a uma mudança na América Latina.

“As forças populares [de Cuba], sem ter tido de antemão acesso a esses manuais sobre estratégia e táticas de guerrilha escritos na China, conduziram sua guerra de guerrilhas de uma maneira similar. Nada sabíamos da experiência das tropas chinesas em vinte anos de combate em seu território, mas conhecíamos nosso território, nosso inimigo, e usamos algo que todos os homens têm em seus ombros. Usamos nossa cabeça para lutar contra o inimigo”²⁸.

Depois da Revolução Cubana passa-se a pensar de outra maneira sobre o espaço para uma guerra suja e irregular no continente americano, entre os interesses de uma esquerda revolucionária e o conservadorismo do capitalismo estadunidense. A mudança no modo de agir do imperialismo dos Estados Unidos traria uma nova era ao continente. Da guerra de guerrilha revolucionária à contra insurgência que selaria o destino de muitos latino-americanos. O que se veria no continente era uma guerra irregular e não declarada, mas igualmente sangrenta a um embate regular.

REFERÊNCIAS

BIAO, L. Comrade Lin Biao's speech at the Celebration Rally. 1966. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/lin-biao/1966/10/01.htm>> Acesso em: 30 nov. 2013.

CLAUSEWITZ, C. V. Da Guerra. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/144769203/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz> Acesso em: 1 dez. 2013

DOSAL, P. J. Comandante Che: guerrilheiro, líder e estrategista, 1956 -1967. Tradução: Maffes, M. Editora Globo. São Paulo, SP, 2005.

GALULA, D. Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice. Praeger Security International. 1964.

GUEVARA, Che. A guerra de guerrilhas. vol. 3. São Paulo: Edições Populares, 1982. (2ª ed.).

_____. Sierra Maestra: da guerrilha ao poder. São Paulo: Edições Populares, 1982. (2ª. ed.).

²⁸ DOSAL, 2005 p. 450.

_____. Socialismo e juventude. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. GUEVARA, Che. Textos políticos e sociais. Vol. 6. São Paulo: Edições Populares, 1981. (10ª ed.).

HARRY, G. Summers, On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War. New York, NY: Presidio Press, 1982.

LAWRENCE, T.E., The Science of Guerrilla Warfare. In Encyclopedia Britannica, 14th ed. (London, 1929), Disponível em: <<http://pegasus.cc.ucf.edu/~eshaw/lawrence.htm>> Acesso em: 4 dez.

MAGALHÃES, M. Marighella, o Guerrilheiro que Incendiou o Mundo. Companhia das Letras, São Paulo, SP. 2012.

PADRÓS, E. S.; MARÇAL, F. A. Terror de Estado e Doutrina de Segurança Nacional: os “anos de chumbo” no Brasil e na América Latina. Revista Ciências e Letras, n. 28, jul.-dez. 2000.

_____, E. S. A ditadura cívico-militar no Uruguai (1973-1984): terror de Estado e Segurança Nacional. In: WASSERMAN, C.; GUAZZELLI, C. (orgs.). Ditaduras militares na América Latina. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

PORZECANSKI, A. C. Uruguay's Tupamaros: The Urban Guerrilla. Praeger Publisher's. 1973. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/uruguay/Tupamaros.pdf>> 2 dez. 2013.

TABER, R. War of the Flea. Ed. Brassey's. Washington D.C.